

Do Desemprego aos Desempregados

Pe. Hércion Ribeiro*

A

1. OS TEXTOS DAS CF E A QUESTÃO HUMANA

A CF anualmente tem-se proposto apontar situações estruturais que evidenciam o rosto chagado de Cristo, em nosso país. Ao lado da denúncia das tristes condições de vida, os Textos Básicos propõem uma reflexão ético-teológica e com frequência recordam a Doutrina (Ensino) Social da Igreja, sugerindo algumas ações práticas. Diversos especialistas e teólogos complementam e enriquecem os Textos Básicos com outras perspectivas. Esses textos geralmente evidenciam (denunciam) o pecado estrutural particularizado na Campanha em curso. Revelam as causas maiores e pedem soluções globalizantes. Na verdade, tais autores, como que repetindo o livro do Êxodo e a solidariedade evangélica de Jesus, fazem Deus ouvir a aflição do seu povo e buscam a sua libertação. Nada é diferente - nem poderia ser - nos esquemas da CF e de outros estudos. Ao lê-los, aflora a indignação ética e cresce um ímpeto que clama aos céus por uma nova justiça (que quase nunca chega).

Os cristãos que escrevem e/ou lêem tais textos normalmente estão bem conscientes da gravidade de tais pecados sociais e se comprometem mais ou menos na necessária libertação social e cristã. A grande maioria dos autores e/ou leitores (inclusive, no caso, este autor) pode não ser vítima imediata da situação. Mas isto não quer dizer que não deixa de ser atingido, direta ou indiretamente. Quem, por exemplo, não participaria do problema dos negros, da juventude, da violência, da família, da prisão (temas de CF anteriores)?

A dureza profética da denúncia, normalmente, se dirige contra a sociedade e em geral às autoridades públicas. Quando a reflexão se volta para a Igreja, o discurso - quase sempre - muda de tom e é lembrado que à Igreja não compete a solução e o encaminhamento técnico do problema. Contudo, são propostas algumas orientações para os cristãos (que não estariam sendo atingidos pelo problema). Raramente, nestas CF, a Igreja propõe perspectivas para as próprias vítimas do problema (sem-teto, sem-terra, doentes, presos etc).

É fato que as CF visam os problemas macro-estruturais e não situações individuais ou de pequenos grupos. E certamente, quando o problema é coletivo, a solução tem que passar pelo contexto sócio-político-econômico. Todavia, a Igreja - que é "perita em humanidade", no dizer de Paulo VI, repetido por João Paulo II - não pode ignorar as pessoas concretas que estão des-figura-das nesta chaga social denunciada. Tais vítimas sociais, em nosso país, são na sua grande maioria católicos (aqui pouco importa que seja um catolicismo meramente sociológico - para isto se veja meu livro "*A identidade do brasileiro: capado, sangrado e festeiro*", Vozes).

2. OS DESEMPREGADOS, A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE

Agora temos a CF sobre a dura realidade do desemprego. Este pecado que não é apenas conjuntural, mas mais ainda: atinge e continuará atingindo milhares de homens e mulheres, na grande maioria pais e mães, velhos e jovens. São eles João, Maria, Inês, Pedro, Ana etc. Todos eles têm nome e identidade pessoal. São filhos e filhas de alguém, parentes de outras pessoas. Têm sentimentos, vontade, aspirações e capacidades. São capazes de amar e sonhar, de crescer e acertar. Eles são como nós! Os desempregados, por vezes, até podem ser nossos familiares: pais, irmãos, filhos e/ou parentes. Estes desempregados - quer crentes ou não - são criaturas amadas e queridas por Deus, feitas à sua imagem (a imagem visível do Deus invisível é Jesus), para se tornarem semelhantes a Ele (sobre este assunto veja-se meu livro "*Antropologia Teológica: da imagem à semelhança com Deus*", Vozes). Estes desempregados são amados por Deus desde toda a eternidade. São redimidos na cruz de Cristo. Estes homens e mulheres, que perderam seus empregos ou nunca os tiveram, são também aqueles a quem Deus destinou todos os bens da terra. Eles são os que Deus quer como co-autores da criação pelo trabalho de suas mãos.

Antônio, José, Marta, Rita e outros desempregados pertencem à família dos que Deus quer que se realizem em plenitude pela subjetividade do trabalho (ver a distinção de trabalho objetivo e subjetivo na *Laborem*

Exercens de João Paulo II). Também esses desempregados têm o direito, dentro da comunidade humana, pelo trabalho, àquilo que Dorothee Sölle chama de dimensões essenciais do trabalho; auto-expressão, ocasião de relacionamento social e de reconciliação com a natureza (*"To work and to love. A Theology of Creation"*, Minneapolis, Fortress Press, 1984, especialmente os capítulos 7, 8 e 9).

"Estes homens e mulheres, que perderam seus empregos ou nunca os tiveram, são também aqueles a quem Deus destinou todos os bens da terra"

gados são aqueles homens e mulheres que vão precisando eliminar decrescentemente as idas aos shoppings, aos supermercados, às mercearias etc. Não podem mais ir ao cinema, ao estádio de futebol, nem fazer mais o churrasquinho de fim-de-semana ou ir à praia. São eles - nossos colegas e amigos - que em suas casas vão ficando mais tensos e nervosos. Os que em casa, com a mulher/marido, filhos ou pais, vão perdendo mais a paciência ou se tornando mais taciturnos. Os desempregados são aqueles que vão se cansando de entregar currículos nas lojas, fábricas, empresas. Eles vão desacreditando das pessoas e/ou instituições, e por fim descredita de si mesmos. Estes desempregados - quer sazonais, quer conjunturais, mas sobretudo os estruturais - vão desacreditando de viver e perdendo a esperança, o sentido da vida: afinal, não é o trabalho que identifica socialmente a pessoa humana (ao menos é isto que diz João Paulo II na *Laborem Exercens*)?

Carlos, Cecília, Clara e César podem ser estes desempregados que, cansados de bater às portas dos dadores de trabalho, vão pedindo a influência dos parentes, amigos e até políticos: é preciso (desesperadamente) dar um jeito! E eles continuam procurando. É-lhes vital o encontro de emprego/trabalho. E eles batem... batem... na igreja, no terreiro, na umbanda, nos despachos. E eles procuram, batem... a ponto de até não se importarem mais onde estão batendo (mesmo que seja na igreja do Edir Macedo ou na prostituição). Estes desempregados são gente como nós. Quer dizer: não tanto como nós! Pois os que escre-

Os desempregados Luís, Guiomar, Carmem, Luíza, são aqueles nossos conhecidos que, também como nós, precisam comer, vestir-se, viver enfim. Na grande maioria deles pulsam desejos e ambições de melhorarem suas vidas e a vida dos seus.

Além do sentido teológico, familiar e existencial, os desempregados

vemos, lemos, comemos o pão na igreja, fazemos a CF etc, temos emprego, trabalho...

Aos promotores da CF e àqueles que a ouvirão nas igrejas, grupos de família etc, serão pedidas a conversão e a solidariedade. O próprio material da CF sugere muitas - e oportunas - pistas de solidariedade, lembrando sempre, porém, que "a coisa" é estrutural e não se pode ficar apenas na doação de cestas básicas etc e tal. Aliás, ninguém em sã razão pode discordar disto! O grande mutirão para des-alienar e conscientizar a nação (!?) e os cristãos católicos (!?) sobre o desemprego é efetivamente um gesto de fraternidade. Inclusive, no Texto Básico da CF, n. 210, chega-se a afirmar: "Assim, a exemplo de Jesus, iremos em direção aos caídos à beira do caminho, aos famintos, aos que estão na praça à espera de uma chance de trabalho e profeticamente apontaremos e denunciaremos, com firmeza, as causas que geram as principais chagas de hoje, como a situação dos desempregados!" (os grifos são meus).

3. UMA ESPIRITUALIDADE DOS DESEMPREGADOS?

A leitura da proposta da CF deste ano (será somente deste?) deixa entrever o fato de que os desempregados estão *fora* da Igreja, parecendo a mim que a atitude da Igreja para com eles será um gesto de "saída" do mundo eclesial-comunitário ("imune" ao problema), para chegar lá onde eles estão. A Igreja irá lá e será solidária com eles. Parece ser óbvio que estas vítimas do encolhimento, da mudança e transformação do trabalho, não serão capazes de modificar as relações sócio-econômicas do mundo. E então recebem esta colaboração... Certamente, o paternalismo aqui não é o objetivo da CF, e a minha é uma interpretação exagerada, pois eu estaria vendo uma dicotomia entre fé e vida, especialmente num campo onde verdadeiramente a Igreja quer ser "Mãe e Mestra".

A experiência dos desempregados, sem dúvida, não é o cotidiano dos hierarcas da Igreja; no entanto o é de milhares de fiéis cristãos. João, Judite, José e Júlia são muitos destes desempregados que são membros da comunidade eclesial. Estes cristãos não podem dicotomizar sua religiosidade, família, vida; mas neste momento estão sem emprego e por isso têm direito de receber na sua comunidade uma palavra de fé, além da sustentação moral para o período de deserto em que vivem. Ninguém pode limitar-se a dar um consolo espiritual (alienante!?) àqueles que vivem uma situação com causas maiores e mais profundas (como o texto da CF sugere e esclarece). A minha observação aqui é em relação ao desempregado pessoalmente e sua comunidade eclesial.

Especialistas em (des)emprego e em análises sócio-econômicas, com razão, escrevem seus textos com conotação sociológica, antropológica; teólogos fazem suas reflexões a partir da fé. Todavia, é impor-

tante da parte da comunidade cristã *também* a sustentação da espiritualidade dos cristãos desempregados (é óbvio: de outros desempregados também). Quem fará isto senão a comunidade eclesial, a Igreja? Este específico nosso nos é inalienável, mesmo que alguns dos nossos possam entender muito - e até tão bem (o que é bom) - de economia, política, trabalho, justiça etc.

Um desempregado é um homem/mulher como Jó. Um sofredor e injustiçado que sabe não ser Deus o culpado da sua situação, mas antes as relações humanas dia-bolizadas. Contudo, ele tem também o direito de questionar o Deus dos homens e mulheres, pedindo-lhe clareza e justiça aos homens e mulheres de Deus. Um desempregado - e os milhões de desempregados - é como o povo de Deus no deserto, que às vezes tem saudade até das "cebolas do Egito", mas sobretudo se pergunta pela "Terra Prometida": seu futuro!

Um desempregado vive uma situação mais triste ainda que um aposentado. Paraphraseando Dom Valfredo Tepe (em seu livro: "*Veio para servir*", Vozes, p. 49): o desempregado é alguém que pode se considerar uma roda, não que já rodou, mas que está impedida de rodar na engrenagem. Ele é um demitido, um exonerado, afetado na sua auto-estima; pode ir-se tornando espiritual-

“É importante da parte da comunidade cristã também a sustentação da espiritualidade dos cristãos desempregados”

mente seco, vivendo uma sensação de vazio, inclusive de Deus. Aí “a fé, que é mais que uma experiência vibrante, sustenta a caminhada: *Meu justo viverá pela fé* (Hb 10,38). O Deus escondido deixa-se achar: *Procurai e achareis* (Lc 11,9); *Eu não disse à descendência de Jacó: Procurai-me em vão!* (Is 45,19)”. O bispo Tepe - que agora é aposentado ou “demitido” pela Santa Sé (ibid., p. 40) - experimenta os aspectos negativos de sua “aposentadoria compulsória” e faz uma crua e realista auto-análise sentindo a aposentadoria como “um desterro, não temporário, mas definitivo. É experimentada como um deslocamento, um banimento para a periferia, uma marginalização, enfim: proscricção e exclusão”. Mas acrescenta imediatamente: “Talvez mais que os aposentados idosos, experimentam tal amargura destrutiva os desempregados e desligados precocemente de suas funções” (ibid., p. 41). Depois o bispo continua: “A Igreja não é uma democracia, mas as estruturas centrais precisam da participação ativa dos seus membros. Mesmo em Roma já se levanta a pergunta: Que fazer com tantos bispos aposentados, cujo número cresce pela prolongação universal da expectativa de vida, e que ainda têm bastante saúde e

disposição para trabalhar?” (ibid., p. 42)

Se a dor de um homem como Dom Tepe, que conquista o direito da aposentadoria, é tão grande - apesar de ter material e moralmente garantias da diocese, e de ter uma espiritualidade grande (afinal, o bispo é mestre na fé) - que dizer destes cristãos bem mais moços que ficaram sem emprego ou nunca o conseguiram e se vêem diante de necessidades materiais básicas para si, para marido/esposa e filhos? O relato (dorido) do bispo é uma das poucas experiências cristãs refletidas sobre aposentadoria e/ou desemprego. Esta realidade vai atingindo a vida interna também dos hierarcas da Igreja, e vai fazendo com que a solidariedade se torne mais efetiva, mais humana. É aí que se torna fundamental nesta CF que - além das sugestões e idéias que analisam estruturalmente o desemprego - os padres, movimentos, associações da Igreja, não só não tornem mais opressiva e humilhante a situação de milhares de fiéis desempregados que haverão de, impotentes, escutá-los falar da sua realidade mas, sobretudo, minorem sua dor, animando-os na caminhada.

4. UMA SUGESTÃO, QUIÇÁ...

Uma espiritualidade para esta situação (oxalá provisória) é imperativo do mandamento maior: *Amar ao próximo como a si mesmo*. Certamente, ao ouvir as denúncias sobre o desemprego gerado pelo neoliberalismo, podem ser mais feridos que confortados os desempregados (e mesmo os empregados), se não houver para eles um caminho de espiritualidade para atravessar o deserto.

Mas, é preciso pastoralmente ir mais além. Ainda freqüentam a Igreja e a ouvem inúmeros micro e médio-empresários. São homens e mulheres dadores (reais ou potenciais) de trabalho. Eles, igualmente, têm direito a uma palavra cristã construtiva e esperançosa. pois eles também são vítimas da iniquidade do sistema e muitas vezes “vivem para sobreviver”. Quantos dentre eles poderiam até viver melhor se fechassem suas empresas, eliminando empregos (acabando com suas dores de cabeça perante tantas obrigações e complicações sociais). Mas, estão aí e pensam até fraternalmente nos outros. Enquanto cristãos - além do direito a uma espiritualidade que não dicotomize fé e vida - eles podem ouvir e fazer a Igreja

“A convocação mais permanente de empresários cristãos poderia propiciar em muitas comunidades encaminhamentos concretos”

ouvir sua experiência. A convocação mais permanente de empresários cristãos poderia propiciar em muitas comunidades encaminhamentos concretos (mesmo que ainda limitados) para recompor a identidade de Luiz, Tânia, Pedro e Taísa.

Na comunidade cristã participam centenas de cristãos de classe média. Por natureza, a classe média é a que luta para evitar a queda social e busca sua ascensão. É uma luta ingente de gente que parece pensar muito em si; todavia, quem de nós ignora a vontade de inúmeros profissionais liberais, e de pessoas melhor aquinhoadas, de ajudar o próximo, mas se sentem amarrados. Amarrados porque não conseguem saber como e onde ajudar (sem ser assistencialistas).

Pode parecer a lideranças de Igreja que diante de tão crua realidade só não ajuda quem não quer. Isto não é verdade! Que o digam os que trabalham pastoralmente com a classe média. Até poderia ser mais fácil, para esta gente, dar aqui ou acolá uma cesta básica. Porém, eles sabem que não é com assistencialismo, ou com uma caridade não organizada, que ocorrerá a mudança social. Quantos deles gostariam de dar de si mesmos, desde sua profissão; mas muitas vezes nem a sociedade e nem a Igreja têm suporte para isto.

Já há tempo o conhecido e respeitado teólogo José Comblin vem chamando a atenção dos pastores e da Igreja para integrar convenientemente a classe média na ação pastoral. E que dificuldades tem a Igreja

nisto! A revolução dos pobres sozinhos, geralmente se transforma em revolta. E dado que *é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no Reino do Céu*, então é preciso integrar a Igreja na vida da classe média, adaptando-se a ela e adaptando-a para a construção de um mundo fraterno e justo.

A solidariedade da Igreja com os desempregados passa pela transformação das estruturas, mas passa igualmente pela conversão do coração das pessoas e grupos. Só a Igreja, comprometida com a humanidade - não apenas como "Mãe e Mestra" - será capaz de propor à sociedade um discurso coerente com a prática fraterna do amor cristão.

** O Autor é Doutor em Teologia,
Professor no "Studium" de Curitiba e Pároco*

Endereço do Autor:

*Paróquia dos Sagrados Corações
rua Presidente Rodrigo Otávio, 1650
80040-230 CURITIBA, PR*

AMAR E SERVIR

lema episcopal de Dom Luiz Carlos Eccel
Bispo-eleito de Caçador

Pe. Ney Brasil Pereira

Refrão: *Amar e servir, servir e amar,
a exemplo d'Aquele que veio servir
e a seus amigos os pés quis lavar,
eis o compromisso: Amar e servir!*

1. Se eu, vosso Mestre, lavei-vos os pés,
se eu, o Senhor, por vós me humilhei,
também vós deveis lavar-vos os pés,
amar uns aos outros, como Eu vos amei! (Jo 13,14)
2. O servo não é maior que o Senhor,
nem o enviado, de Quem o enviou:
felizes de vós se o compreenderdes
e o praticardes, felizes sereis! (Jo 13,16-17)
3. Um novo preceito, eis o que vos dou:
Amai uns aos outros, como Eu vos amei!
É nisto que todos têm de saber
que sois meus discípulos, se o Amor vos unir! (Jo 13,34-35)
4. Ninguém tem maior Amor do que aquele
que dá a própria vida pelos seus amigos!
Vós sois meus amigos, se praticardes
o que vos mando: AMAR E SERVIR! (Jo 15,13-14)

Florianópolis, ITESC, 20-12-1998